

Exm<sup>o</sup> Senhor Reitor da Universidade do Algarve  
Exm<sup>o</sup> Senhor Diretor da Faculdade de economia  
Exm<sup>o</sup> Senhor Diretor da Faculdade de Ciências e  
Tecnologia

Exmos qsenhores representantes das autoridades  
presentes

Exmos Senhores professores

Exm<sup>o</sup> Senhor representante dos funcionários

Distintos colegas

Minhas senhoras e meus senhores.

É verdade, há quarenta anos, no ano letivo de  
1983/1984, tinham início as aulas na Universidade  
do Algarve, criada pela Lei 11/79, de 28 março, que  
ao instituir uma comissão instaladora deu início, a  
partir daí, aos competentes trabalhos liderada pelo  
Prof. Gomes Guerreiro e posteriormente primeiro  
Reitor da Universidade do Algarve.

A criação de três cursos de licenciatura, incluindo a  
nossa – Gestão de Empresas- entronca com a  
necessidade sentida na região de haver gestores com  
qualificações académicas que lhes permitissem  
enfrentar os desafios que uma economia de mercado  
cada vez mais concorrencial – e por isso mais  
exigente – necessariamente iria impor.

E foi assim, desta forma procurando responder às  
necessidades sentidas na região, e na nossa  
sociedade, que a nossa universidade, a Universidade

do Algarve, se estendeu, criou raízes e hoje em dia tem uma dimensão nacional e internacional respeitada.

Cabe aqui referir que na publicitação desta cerimónia, figuro erradamente como “primeiro aluno do curso de gestão de empresas”, sendo simplesmente um antigo aluno como os outros.

Mas não é esta a altura própria para falarmos dos cerca de 9 000 alunos que tem Universidade do Algarve. É altura para falar dos 33 alunos, meus colegas, que há 40 anos iniciámos o nosso curso de licenciatura de 5 anos. Concluímos o curso 14 alunos no ano 1987/1988 (42%), 8 alunos nos anos seguintes e 11 alunos (33%) não concluíram o curso.

Durante o decorrer do curso, acolhemos na turma alguns alunos vindos de outras universidades e que se enquadraram perfeitamente no nosso grupo, concluindo o curso connosco em 1987/1988.


Do nosso curso, a colega Cristina Viegas foi a melhor aluna, tendo sido por isso convidada para lecionar na Universidade com todo o mérito e hoje é Professora Auxiliar.

O João de Deus e o Paulo Pina ingressaram mais tarde como assistentes. Eu e o Dário Dias também lecionamos como assistentes convidados. Durante

alguns anos éramos 5 docentes da “cantera”, utilizando terminologia futebolística.

Será também altura para recordar, ficando para a história da universidade que a primeira aula do curso de gestão de empresas que teve lugar nos primeiros dias do mês de novembro de 1983, uma segunda-feira, às 15:00. A disciplina lecionada foi Introdução à Economia da Empresa, assegurada pelos doutores José Manuel Frederico Pires e José Manuel Piteira Santos.

Tivemos um grupo de professores excelentes, dedicados, competentes, com ligações ao mundo empresarial e disponíveis. Cabe aqui recordar, por ser da mais elementar justiça, o professor Efigénio da Luz Rebelo, à época coordenador da Unidade de Gestão de Empresas que, atendendo à grande percentagem de estudantes trabalhadores, cerca de 50%, que a turma tinha, elaborou um horário que permitisse a estes uma maior presença nas aulas. Também as suas aulas que tinham início às 15:00 eram repetidas algumas vezes às 19:30 para todos nós, estudantes trabalhadores, a podermos frequentar. E foi assim nos primeiro e segundo anos do curso. No terceiro, ausentou-se para Inglaterra a fim de prosseguir os seus estudos (mestrado e doutoramento) e as coisas, ficaram um bocado mais difíceis.



Os nossos colegas estudantes a tempo inteiro, disponibilizavam na medida das suas possibilidades os apontamentos. Tenho que salientar aqui, um grupo de 4 jovens colegas que atravessou o curso, conhecido como o grupo das primas sempre disponíveis a facultar os seus cadernos com apontamentos de grande qualidade, pela letra e pelo detalhe da informação, que quanto a mim foram os mais concorridos no curso.

As estruturas de apoio social, para uma universidade que estava a começar, eram praticamente inexistentes. Não havendo cantina, os alunos deslocados e não residentes em Faro, foram-se habituando à nossa gastronomia e os do norte do país, que não gostavam de caracóis, achavam nojo, uns tempos depois habituaram-se e já não queriam outra coisa. Nós, os algarvios também assentávamos arraiais na Ti-Angela, também conhecido por Chalé das Canas, uma tasca simples, onde a limpeza não imperava, mas a qualidade dos petiscos (ameijoas e chocos fritos) superava tudo.

Em noites de estudo, impunha-se uma pausa com saída para a rua do crime e regresso com paragem para se comprar também pão com chouriço perto do seu café e regresso a casa já de madrugada para se voltar a estudar. Bem, às vezes só tentávamos estudar...

Por vezes, mais ao fim de semana, fazíamos um intervalo maior, para uns joguinhos de snooker, para depois voltarmos aos trabalhos de grupo ou estudo.

Como alunos primeiros que fomos da universidade e como alunos caloiros que também fomos, tivemos uma particularidade, não havia ninguém, veteranos, para nos praxar.

Com o início do segundo ano letivo ninguém se mostrou disponível para praxar os caloiros de então. Só no nosso terceiro ano e promovida em grande parte pelos nossos colegas do segundo ano é que se iniciou a praxe, com práticas que unicamente visavam situações caricatas e hilariantes, sem nunca se molestar ou humilhar alguém.

Assim, a praxe começou com uma aula de receção aos alunos do primeiro ano, ministrada por nós sem qualquer preparação prévia, num total improvisado. Os alunos estavam naturalmente pouco à vontade com uma atitude própria de quem entra pela primeira vez numa sala de aula de uma universidade, receosos e intranquilos. No entanto, mostraram-se disponíveis para acatar de bom grado tudo o que se lhes dizia e propunha.

Desta forma, um de nós propôs aos caloiros a aquisição da sua sebenta. Distinguia-se facilmente das outras por ter uns carimbos que identificavam

claramente o seu autor. Aquisição desta sebenta, apesar de se apresentar um nadinha mais cara, coisa de pouca monta, só lhes iria custar 5 vezes mais do que as outras, umas fotocopiazinhas sem qualquer interesse que circulavam por aí.

O seu acrescido custo trazia-lhes, no entanto, vantagens de alguma monta: poderiam consultá-la nas frequências, testes, discussões, enfim, em todas as situações em que estivesse em causa a avaliação do aluno. Palavras não eram ditas, uma caloira apresentando-se algo aflita, invocou a sua condição económica modesta, condição essa que a deixava à partida numa situação de inferioridade, não lhe permitindo ter acesso à sebenta carimbada com as desvantagens que daí advinham.

“Não é justo, assim vou desistir”, dizia meio chorosa, não escondendo a sua revolta por esta discriminação negativa.

Outro colega, com um ar mais fechado, pediu a outra caloira que lhe fizesse o favor de lhe ir buscar um copo de água. A aluna solicita, apareceu um pouco depois com um copo de água - desenrascado sabe-se lá onde - e entregou ao professor. Este, indignado, perguntou-lhe se ela não sabia que os professores universitários só bebiam água se os copos viessem cobertos por um guardanapo, para a sua ciência não ficar exposta aos micróbios que permanentemente nos envolvem. E lá voltou para trás a colega,

apresentando-se não muito depois com um copo de água devidamente protegido por um guardanapo.

Numa outra intervenção, um colega nosso, interroga um caloiro e pergunta-lhe o que ele tinha a dizer “sobre os modernos desenvolvimentos e recentes teorias sobre a dimensão antropocêntrica do homem no mundo”, o que o aluno muito aflito e embaraçado ficou em branco, calado. O professor virou as costas e sussurra: “não tens vida para isto, nunca mais saís de cá”.

Foi uma aula e uma receção aos caloiros memorável, sendo recordada e muito falada ainda por alguns anos. O desejo de participação ativa na vida da academia, levou alguns colegas nossos a integrarem a comissão instaladora da associação de estudantes e a participarem na fundação da associação de antigos alunos da universidade.

Muito mais haveria para contar. O Tempo que me está reservado é naturalmente curto. Tantas foram as nossas vivências, alegrias, tristezas, cumplicidades, alguns desaguizados também, que não é possível aqui descrevemos todos. Ficam na nossa memória para nossa alegria e é sempre com um prazer renovado, quando a vida de cada um nos permite, recordarmos em grupo o que foi o nosso curso.

Nesta data, não poderia deixar de recordar com saudade os nossos colegas que já não se encontram entre nós: Victor Passos e Paulo Pina, colegas desde o primeiro ano e Jorge Bota, que integrou a turma a partir do terceiro ano.

E foi assim. As comemorações dos próximos 40 anos, os 80 da universidade, serão comemorados com as “pedras vivas” da nossa sociedade, palavras caras ao nosso primeiro reitor o professor Gomes Guerreiro.